

## 18º INTERCULTE DE-CIFRANDO ATRAVESSAMENTOS PARA PRODUZIR VIDÊNCIAS E EVIDÊNCIAS NA PRÁTICA DOCENTE

18º INTERCULTE  
*DECIPHERING CROSSINGS TO PRODUCE EVIDENCE AND  
EVIDENCE IN TEACHING PRACTICE*

**Maria da Glória Gonçalves Santos<sup>1</sup>**

**RESUMO:** O presente artigo tece considerações sobre possíveis manifestações espontâneas que podem ter ocorrência nas práticas docentes, tais como expressões, gestos ou atitudes surpreendentes tanto por parte do docente tanto por parte dos discentes e que podem fazer emergir vivências do passado, da história psíquica desses atores na sala de aula ou precipitar ocorrências futuras (im)previsíveis, caracterizando atravessamentos do simbólico desses sujeitos, podendo ser extremamente valiosas ou perturbadoras para o processo pedagógico em andamento. Esses aspectos da diversidade na formação docente e no exercício da docência levaram à reflexão sobre o 18º Interculte, como um desafio de decifração da temática e um exercício de propor novas discussões, tendo como base não apenas os conteúdos dos componentes curriculares, mas também os conceitos de inclusão, igualdade e diferença, com o compromisso ético de cada profissional, da Instituição e de cada família, na construção de um novo tempo.

**PALAVRAS-CHAVE:** gesto espontâneo; vidências; diversidade; inclusão; Formação docente.

**ABSTRACT:** *This article makes considerations about possible spontaneous manifestations that may occur in teaching practices, such as surprising expressions, gestures or attitudes both on the part of the teacher and on the part of the students and that can bring out experiences from the past, from the psychic history of these actors in the classroom or precipitate (un)predictable future occurrences, characterizing crossings of the symbolic of these subjects, which can be extremely valuable or disturbing for the pedagogical process in progress. These aspects of diversity in teacher training and teaching practice led to reflection on the 18th Interculte, as a challenge to decipher the theme and an exercise in proposing new discussions, based not only on the contents of the curricular components, but also on the concepts of inclusion, equality and difference, with the ethical commitment of each professional, the Institution and each family, in building a new era.*

**KEYWORDS:** *spontaneous gesture; clairvoyance; diversity; inclusion; Teacher training.*

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação e Contemporaneidade pela UNEB, Graduada em Psicologia nas habilitações: Bacharelado, Licenciatura em Psicologia Clínica pelo Instituto Universitário Paulista Faculdades Objetivo docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Jorge Amado-Unijorge. msant@unijorge.edu.br

Sonho  
Deixa penetrar a  
raiz no centro de tua alma  
Aspira a seiva da fonte infinita  
de teu inconsciente  
e conserva teu verdor.  
(Winnicott, 1982, p. 9)

PARA SER GRANDE, sê inteiro:  
nada teu exagera ou exclui.  
Sê todo em cada coisa.  
Põe quanto és no mínimo que fazes.  
Assim em cada lago a lua toda brilha,  
porque alta vive.  
Pessoa, F. (1995/1993).

O 18º Interculte – Encontro Interdisciplinar de Cultura Tecnologia e Educação - se anuncia “a produção de vidências, como gesto temático”. Atravessada pelo significativo vidente e por esse sedutor convite de “visualizar o passado, o futuro, objetos ausentes ou inexistentes” os quais permeiam o pensamento contemporâneo pelas vias de um exercício de “gênero, estética e afetividades na produção de inteligências outras”, como proposta do evento, evoco Winnicott, psicanalista pós-freudiano, na epígrafe desse texto, para referenciar o gesto espontâneo utilizado por ele para evidenciar uma das inúmeras maneiras pelas quais o verdadeiro self pode se expressar, evidenciando a singularidade do sujeito. Essa denominação está relacionada ao cerne, ao centro do ser, ao que há de mais autêntico, mais genuíno para aquele sujeito em especial. Esse conceito caracteriza sua teoria do amadurecimento humano e me leva a releitura de convenções, produção de outros afetos os quais trazem à tona “subjetividades submersas,” transmutadas no cotidiano das vivências e interlocuções nas relações interpessoais, nos corredores da academia ou nos espaços da sala de aula, que exigem de nós, docentes, a (de)cifração de atravessamentos que se interpõem nos planejamentos dos componentes curriculares e nos convocam ao desafio de reelaborar nossas crenças, certezas, questionamentos, respeitando que o novo é sempre gestado tendo o velho como ponto de partida, valorizando assim o histórico de nossa constituição pessoal, familiar e cultural, para incorporar novos sentidos e significados, expressando todo um percurso realizado da ancestralidade à atualidade, fazendo-nos ser como é hoje, sujeitos de direito, afirmativos na produção de conhecimentos e saberes.

Nessa perspectiva, e na posição de ser de poesia que nos constitui singular, sou levada a “desfocar as convenções para produzir visibilidades apagadas por automatismos e racionalizações do ver”, usando como recurso o enlace entre a psicanálise de Winnicott e a poesia de Pessoa, que se confundem na cadeia dos significantes, para visibilizar a expressão do sujeito que se confirma autêntico, seja como os aspectos da diversidade, principalmente a sexual e de gênero e assim, parafraseando Pessoa, em ficções do interlúdio, acima referenciado, ser inteiro, “todo em cada coisa, para que em cada lago a lua toda brilhe, porque alta vive”.

Sob esse prisma, a provocação que se coloca é: como são compreendidos esses aspectos da diversidade na formação docente e no exercício da docência? As dimensões do saber docente pressupõem o compromisso do educador com as relações humanas e com a afetividade, e da concepção da Educação como sendo aquela que considera o homem em sua totalidade, visando uma formação humana. Vivemos o tempo de propor novos valores e perspectivas culturais no que se refere a família, paternidade e maternidade, bem como de considerar plenamente a inclusão, com a complexidade que a temática exige na prática, tanto por parte dos núcleos de estratégias afirmativos da instituição, como das famílias, dos docentes, dos discentes e dos próprios alunos neurodivergentes, para que o capacitismo não desvirtue os verdadeiros propósitos dessa política, de modo que essa apropriação seja legitimada e formalizada ideologicamente a partir de uma conscientização coletiva, não apenas no âmbito individual. Para que as pessoas que adotaram outras configurações de gênero, com novas possibilidades de vida em novas constelações familiares possam emergir do limbo onde estavam submersos e atuar colaborativamente na produção de inteligências outras.

Nesse sentido, a formação docente requer um tempo de invenção, de criatividade, para dar visibilidade aos desafios reais para encontrar possibilidades presentes. Penso e sinto através de minha experiência de sala de aula, que não existe um único caminho ou uma metodologia que possa ser simplesmente aplicada, A capacitação docente se efetiva por meio de um processo contínuo e coletivo de reflexão sobre a prática, tendo como base não apenas os conteúdos dos componentes curriculares, mas também os conceitos de inclusão, igualdade e diferença, conjuntamente com o compromisso ético de cada profissional, de cada família, de cada rede de ensino. A complexidade da vida contemporânea tem transformado diversos

parâmetros da ciência e da modernidade e alterado as referências de passivo, ativo, feminino, masculino, homem, mulher e que se faziam presentes na intimidade, porém agora está sendo compelida a se apresentar, em especial, nas redes sociais, onde tudo pode e é incentivado sem cautela. Nessa sociedade paradoxal onde se padece de solidão, apesar das interações permanentes, mantidas na superficialidade dos encontros efêmeros, tenta-se dar abrigo à diversidade, mas, ao mesmo tempo, estimula-se a dicotomia e rompe-se, com ambivalência, a esperança no devir de onde surge o gesto espontâneo. Soma-se a isso o fato de a singularidade do sujeito estar cada vez mais ameaçada pela cultura dos cancelamentos. Esse cenário dificulta a constituição do ser inteiro, da confiança no sentimento de “viver com”, que estimula nosso amadurecimento e dá acesso à educação plena.

Em vários campos do saber, a reflexão sobre o sujeito passa pela reflexão sobre as suas relações com os outros. O ser é um ser no mundo e ser no mundo é estar com o outro, numa relação recíproca de trocas simbólicas, de ressignificação conceitual do tempo, da realidade que se nos apresenta não fixa, cognoscível e distante da possibilidade de uma metanarrativa explicativa, pois não há a hegemônica verdade ou a maniqueísta interpretação do que somos, dos princípios que nos tecem e o absoluto torna-se volátil. Esse é um contexto costurado pelos fios da incerteza, do imprevisível, do indizível. Neste cenário de possibilidades e interpelações, que olhar nos cabe enquanto sujeito docente? Pensar a Contemporaneidade pelo caleidoscópio de significados que das suas entranhas emanam, fecunda-nos a pensar um sujeito que ultrapassa a concepção primeira de submetido, subjugado, mas aquele sujeito com os sentidos acesos, que experimenta a inteireza do ser afetivo, poético e político.

Refletir sobre a dimensão afetiva do sujeito é repensar nas mediações sociais e no destaque do papel do outro no desenvolvimento e na constituição do sujeito aprendente, trazendo dialogicidade em quaisquer espaços em que o sujeito transite, em especial nos espaços educativos, e que se apresenta o desafio de incorporar aprendizagens, avançar fronteiras, mostrar possibilidades desafiadoras de anunciação do novo.

Vivemos, no mundo contemporâneo, a prevalência do registro do imaginário. Na falta de redes de sustentação que possam remeter os sujeitos a uma tradição, a um passado, a significações capazes de orientar as ressignificações do futuro, estamos jogados em um mundo fragmentado, onde imperam imagens estáticas, desarticuladas e, por isso,

carregadas de um sentido colado a cada uma delas, que, ao ganharem sentido absoluto, não fazem cadeia, não se articulam com outras na produção de sentido e assim ficamos reduzidos a um mundo de objetos.

O sujeito contemporâneo deverá ser capaz de colocar em movimento a construção de uma nova experiência cultural, a partir da invenção criativa de novos caminhos para a constituição da subjetividade, tecendo uma rede de pontos e nós, no espaço da dúvida, do vazio, da busca de decifração do enigma dos paradigmas impostos, objetivando situar atravessamentos capazes de de-cifrar vidências e produzir evidências para ser pleno. Como nos convida Winnicott na epígrafe desse texto: “Sonhemos. Deixemos penetrar a raiz no centro de nossa alma. Aspiremos a seiva da fonte infinita de nosso inconsciente e conservemos nosso verdor”. Desse modo, no registro do gesto espontâneo, no movimento criativo em contínua transformação, seremos inteiros, modificando hábitos e posturas e criando a polissemia da palavra, caminhando para uma subjetivação da produção discursiva que caracterize novas linguagens e nos situa na construção de um novo tempo, como nos incita Pessoa: “Para ser grande, sê inteiro. Nada teu exagera ou exclui”.

**REFERÊNCIAS**

Laplanche, J & Pontalis J.B. (1983) Vocabulário de psicanálise. (P. Tamen, trad.) São Paulo, SP: Martins Fontes.

PESSOA, F. (1995/1993). Ficções do Interlúdio / Odes de Ricardo Reis, 414, 14- 2-1933. In Fernando Pessoa, Obra poética. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar S.A., p. 289.

Winnicott, D. W. (1991). Holding e interpretação. São Paulo, SP: Martins Fontes.

SANTOS, M.G.G. Ensaio sobre bases filosóficas da contemporaneidade. 2007 Uneb.Salvador.Ba